

# LINGUASAGEM

## LEITURA DE IMAGENS: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO – ENEM

Marlete Sandra DIEDRICH<sup>1</sup>  
Fiana Aparecida VANZ<sup>2</sup>  
Marina de OLIVEIRA<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo traz reflexões acerca do trabalho de leitura de imagens, pautado nos princípios advindos da Semiótica Aplicada. Com base em tais princípios, vê-se a possibilidade de realização de um trabalho escolar de leitura de imagens capaz de dar conta dos multiletramentos que caracterizam o processo de leitura e compreensão do estudante da Educação Básica. Para tanto, analisa uma questão proposta no Exame Nacional do Ensino Médio – Enem, do ano de 2013.

**PALAVRAS-CHAVE:** Signo. Leitura de imagem. Multiletramentos.

### Introdução

O Exame Nacional do Ensino Médio – Enem é hoje uma das principais formas de ingressar no ensino superior. A partir da observação da matriz curricular do Enem, o artigo em questão visa refletir acerca da capacidade de leitura de imagens, necessária a um estudante concluinte do Ensino Médio. Para tanto, analisamos, neste trabalho, uma questão do Enem 2013 que requer a leitura de imagens, o que, para nós, é possível de ser aprimorado pelo viés da Semiótica, trazido especificamente pela teórica Lúcia Santaella (2012). A partir de conceitos por ela trabalhados, propomos princípios para a abordagem de leitura de imagens. Da mesma forma, nos aliamos a Roxane Rojo (2013), autora que traz uma perspectiva sobre os multiletramentos na escola, uma vez que entendemos que a abordagem das diferentes formas de letramento se faz necessária, pois, principalmente, com o surgimento da tecnologia, os suportes avançam e mudam muito rapidamente, da mesma forma, a leitura de imagens é no nosso dia a dia mais

<sup>1</sup> Professora do Curso de Letras e do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – UFPS. E-mail: marlete@upf.br

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo, professora de Língua Portuguesa e Redação. E-mail: fiamavanz@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, bolsista de Iniciação Científica do Projeto A experiência d criança na linguagem. E-mail: marina\_de\_oliveira@hotmail.com

recorrente e, muitas vezes, fazemos essa leitura sem perceber. Em consonância com essa evolução da leitura, o Enem, a cada ano, traz questões relacionadas ao letramento visual.

Sendo assim, organizamos este artigo da seguinte forma: inicialmente, refletimos acerca do que se entende por competências e habilidades na matriz do Enem, destacando aquelas competências às quais se relaciona a questão proposta neste artigo; na sequência, buscamos em Santaella (2012a, 2012b) os princípios da Semiótica de que necessitamos para um trabalho de leitura de imagens, associado a uma visão de letramento cujo escopo abarca os multiletramentos, na concepção de Rojo (2013), característicos da sociedade atual, para, por fim, ilustrarmos nosso raciocínio com a contemplação da questão proposta pelo Enem 2013.

### **Competências e habilidades no Enem**

As provas do Exame Nacional do Ensino Médio - Enem são organizadas tendo como base quatro áreas do conhecimento: Linguagens, códigos e suas tecnologias; Matemática e suas tecnologias; Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e suas tecnologias. Partindo de tais áreas, os conteúdos são organizados por uma matriz de referência<sup>4</sup>.

Segundo o INEP (2002, p. 11), “competências são as modalidades estruturais da inteligência, ou melhor, ações e operações que utilizamos para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer”. Nesse caso, as habilidades decorrem “das competências adquiridas e referem-se ao plano imediato do ‘saber fazer’. Por meio das ações e operações, as habilidades aperfeiçoam-se e articulam-se, possibilitando nova reorganização das competências”.

Como nosso tema de interesse neste artigo diz respeito à leitura de imagens, no caso do Enem, de uma obra de arte, entendemos que estamos trabalhando com competências e habilidades específicas relacionadas ao domínio de leitura e interpretação. Com essa certeza, focalizamos, na sequência, princípios da Semiótica, os quais delineiam uma possibilidade de trabalho com a leitura de imagens no ambiente escolar.

### **A leitura de imagens: relações entre signos**

<sup>4</sup> disponível no endereço eletrônico que segue, na página do INEP: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2012/matriz\\_referencia\\_enem.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2012/matriz_referencia_enem.pdf)

Para Peirce (2003), um signo, também chamado de *representâmen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém, ou seja, o signo representa alguma coisa, o seu objeto. Pode-se ressaltar ainda que Peirce deixa claro que o signo apenas pode representar seu objeto e referir-se a ele, mas não pode proporcionar familiaridade ou reconhecimento do mesmo. Através dos estudos do autor sobre o signo, foi possível definir conceitos que são estudados ainda hoje na Semiótica.

Santaella (2012b) se apoia nos estudos de Peirce para o desenvolvimento de uma Semiótica Aplicada. A autoria evidencia que a Semiótica não trata apenas de leis do pensamento e das condições de verdade, mas pende antes para as condições gerais do signo. Em síntese, a semiótica permite traçar um percurso “metodológico-analítico” que assegura dar conta de questões relacionadas às distintas naturezas que as mensagens podem ter e ainda aos processos de referência ou aplicabilidade, bem como dos modos que os receptores recebem e entendem as mensagens.

Santaella (2012b, p. 7) apresenta, com base em Peirce, três elementos formais presentes em todos os fenômenos, conhecidos como primeiridade, secundidade e terceiridade. Enquanto a primeiridade está relacionada ao acaso e ao sentimento e a secundidade à ação e reação, a terceiridade manifesta-se no signo, visto que o signo é, para Santaella (2012b, p. 7), “um primeiro (algo que se apresenta a mente), ligando um segundo (aquilo que o signo indica) a um terceiro (o efeito produzido no intérprete)”.

A partir disso, chegamos à definição de que o signo é “qualquer coisa de qualquer espécie” que representa outra coisa, chamada de “objeto do signo” e que produz um efeito interpretativo, efeito que é chamado de “interpretante do signo”. Um exemplo é o de um filme que foi feito através da adaptação de uma história em quadrinhos, como *As Tartarugas Ninja* (2014). Nesse caso, o filme é o signo, e a história em quadrinhos, o objeto do signo, já o efeito que o filme irá produzir nos espectadores é o interpretante do signo. Através desse exemplo, é possível perceber que o signo é formado por uma tríade, temos o próprio signo se referindo ou representando seu objeto, que conseqüentemente irá produzir um efeito no intérprete atingido. Podemos extrair três princípios a partir do exemplo imposto, primeiro através do signo que mantém uma relação consigo mesmo e com a natureza do seu fundamento temos o princípio da significação, em um segundo momento por meio da relação entre o fundamento do signo e o seu objeto, ou seja, o poder do signo representar a realidade origina-se o princípio da objetividade, e, por fim, através da relação do fundamento do

signo com o seu interpretante, isto é, quanto ao efeito de significação que o signo produz no intérprete, suscita-se o princípio da interpretação.

Para entendermos melhor cada um dos princípios, exemplificamos as relações de sentido a partir da obra *A Última Ceia*, de Leonardo Da Vinci, pintada na parede do refeitório no convento adjacente à igreja *Santa Maria delle Grazie* em Milão. A imagem pintada é um signo, ou seja, estabelece uma relação com ela mesma. Também podemos dizer que ele é um existente, ou seja, o que torna a imagem um signo é sua capacidade de existir e ocupar lugar no espaço. A imagem por sua vez representa a última ceia de Jesus Cristo com os apóstolos antes de sua crucificação, quando ele anuncia que há um traidor entre eles. Da Vinci, por sua vez, não presenciou o referido momento, sua inspiração advém da descrição retratada na Bíblia. Dessa forma, se a obra é o signo, pode-se afirmar que a descrição escrita na Bíblia é o objeto desse signo. Por fim, o efeito que a imagem provoca no seu observador é o interpretante do signo. Certamente, aquele que observa a imagem em questão só irá entender a referência se tiver conhecimento do que foi a última ceia retratada na Bíblia, pois o signo tem somente o poder de representar ou referenciar o objeto, mas a interpretação depende do conhecimento de mundo do intérprete.

No caso da obra de Da Vinci, o que dá capacidade de ela funcionar como signo é o fato de ela existir, ou seja, ocupar lugar no tempo e no espaço, por isso ela é caracterizada, como foi dito, de existente. Outra propriedade que faz com que alguma coisa tenha capacidade de funcionar como signo é sua qualidade. Uma qualidade representa algo através de seu poder de sugestão ou similaridade. O *Teste de Rorschach* ou Teste do Borrão de Tinta, usado como avaliação psicológica, é um exemplo da maneira que uma qualidade funciona como signo. No teste, o avaliador exhibe uma série de pranchas com manchas de tinta simétricas e o avaliado tem de responder com o que a mancha se parece. Imediatamente o cérebro da pessoa em questão abre possibilidades e produz uma cadeia associativa que faz com que ele associe a imagem a algum objeto que conhece, ou seja, através da similaridade da imagem que ele está olhando com algo que ele conheça. Podemos perceber que uma mancha de tinta não tende exatamente a representar algo, isto é, uma mancha de tinta representa simplesmente uma mancha de tinta. Nesse caso, o signo é a mancha, mas o objeto do signo irá depender da interpretação do observador, o qual precisará associar a imagem a um objeto.

Há ainda mais uma propriedade que pode fazer com que algo funcione como um signo: seu caráter de lei. Esse âmbito compreende todas as leis do direito, assim

como as convenções socioculturais. Um exemplo claro de signo com caráter de lei é uma placa de sinalização, por exemplo: “Proibido Fumar”. A placa nada mais é que um símbolo que representa uma lei em vigor, nesse caso, a lei que proíbe pessoas de fumarem em ambientes coletivos fechados. O signo é a placa, ou seja, um símbolo, que representa uma lei, sendo a lei o objeto do signo.

Os signos também percorrem uma trajetória interpretativa que faz com que eles tenham um significado global. Em primeira instância, temos um interpretante interno do signo, independente de um intérprete. Um quadro, por exemplo, *Os comedores de Batata*, de Vincent Van Gogh, tem potencial para ser interpretado mesmo antes de ser observado por alguém. As imagens pintadas, as cores, o quadro em si contém internamente os elementos que possibilitam que a obra seja interpretada posteriormente. O interpretante interno de um signo também pode ser chamado de interpretante imediato. Em um segundo nível, há o chamado interpretante dinâmico.

Tomando ainda o caso do quadro de Van Gogh, o segundo nível está no efeito que o quadro produz em cada intérprete que entra em contato com ele. O efeito vai depender da dimensão psicológica do observador. A obra terá sobre ele um efeito de caráter emocional ou sentimental, no caso de *Os comedores de batatas* as reações mais banais seriam abatimento, desesperança, etc., pois este é o contexto que o quadro retrata. O intérprete terá ainda um efeito enérgico, que corresponde uma ação física, por exemplo, a ação de se dirigir para olhar o quadro com mais atenção. Por fim, o signo produzirá um efeito lógico, ou seja, o signo será interpretado através de uma regra interpretativa internalizada pelo intérprete. Essas regras que permitem fazer associações entre o signo e seu objeto, sendo assim, é através dessas associações que o significado se forma na mente do intérprete. Quanto ao quadro, o efeito lógico que um observador teria, seria o de associar a pintura com a época e o contexto em que foi pintado para compreender assim o sentido global da obra.

Na nossa sociedade, estamos cercados por todas as espécies de signos possíveis. Os signos imagéticos se tornaram tão triviais no dia a dia das pessoas que o ato de lê-los se tornou automático. O percurso feito até agora passa pela formação do signo, sua significação, objetivação e interpretação. A leitura de imagens, foco do artigo, requer esses conceitos, pois todos fazem parte do processo de representação do signo. Apesar da realidade da imagem ser muito distinta da do verbo, a forma mais lógica de interpretar e explicar as imagens é através da linguagem. As expressões

linguísticas e visuais são distintas, ou seja, uma não pode substituir a outra, no entanto são complementares entre si.

Segundo Santaella (2012a), ler imagens nada mais é que desenvolver a observação sobre certos aspectos e traços constitutivos, detectar o que se produz no interior da própria imagem. Para saber o que a imagem quer significar, indicar, seu contexto de referência o leitor precisa desenvolver sensibilidade. No âmbito escolar isso significa propiciar aos estudantes meios de desenvolver habilidades para leitura de imagens, bem como proporcionar acesso aos diferentes gêneros imagéticos. Além de oferecer fundamentos ao aluno, para que ao defrontar-se com um signo visual tenha os referenciais necessários para interpretá-lo.

Para dar conta dessas relações, buscamos complementar nosso aporte teórico com noções advindas dos estudos em torno da noção de multiletramentos, cujas contribuições apresentamos a seguir.

### **A leitura na prova do Enem e o conceito de multiletramentos**

Com base no que expomos até aqui, entendemos que a relação de significação se faz presente em todas as relações humanas, uma vez que não há pensamento sem signo. Para além disso, partimos da constatação de que na sociedade de hoje a mistura de signos vigora e, por isso, para entendermos as relações significantes do mundo faz-se necessário estudarmos os diferentes tipos de signos, suas relações significantes e o modo como evoluem. Retomando o que vimos no início deste artigo acerca dos eixos e das competências e habilidades trabalhadas na prova do Enem, afirmamos que o eixo “dominar linguagens” só será atingido se, de fato, um trabalho de ensino pautado em princípios teóricos claros que deem conta da multiplicidade de linguagens sónicas esteja presente nos espaços escolares, o que, para nós, neste artigo, é possível a partir do estudo das relações entre signos, inserido numa proposta de ensino capaz de assumir os multiletramentos como realidade nas atividades de leitura.

Essa realidade é responsável pela elaboração de novos gêneros discursivos, os quais, em sua maioria, se caracterizam não apenas pela linguagem escrita, mas principalmente, pela relação da linguagem escrita com outras modalidades de linguagem (som, cores, movimento, etc.). A linguagem digital, assim caracterizada, nos aponta para um novo texto, cuja configuração é híbrida e exige uma leitura mais dinâmica e que seja capaz de lidar com as diferentes modalidades que se apresentam em

sua constituição e com as relações de sentido que se estabelecem entre elas. Assim, o estudante que vive esses eventos necessita estabelecer tais relações com a rapidez e a complexidade características do contexto digital para se tornar protagonista dos atos de leitura e escrita.

Rojo (2010), com base nos estudos do Grupo de Nova Londres<sup>5</sup>, relaciona o conceito de “multiletramentos” a duas direções: multiplicidade de linguagens e mídias nos textos contemporâneos e multiculturalidade e diversidade cultural. Isso porque, para o Grupo de Nova Londres, a pedagogia dos multiletramentos está centrada em modos de representação (linguagens) muito mais amplos do que somente a linguagem verbal, que diferem de acordo com a cultura e o contexto e que têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos.

Sendo assim, entendemos que não se trata simplesmente de novas práticas de linguagem oriundas de um mundo significante multimodal, mas de novas posturas no universo sociocultural dos sujeitos que nele vivem, as quais se constituem de novas relações com os textos lidos e produzidos que ainda não são contempladas na e pela escola, ao menos, em sua regularidade. Essa novas relações acabam por nos fazer repensarmos o ensino e a aprendizagem das habilidades discursivas. Para tanto, focalizamos, numa das provas do Enem, mais especificamente, a do ano de 2013, uma questão de leitura e interpretação que envolve o poder de significar de uma obra de arte.

### **Análise da imagem**

Para um trabalho de leitura de imagens, alguns princípios precisam ser levados em conta, os quais derivam dos princípios até aqui apresentados e que se apoiam, em especial, na obra *Como eu ensino: leitura de imagens* (SANTAELLA, 2012b). Esses princípios dizem respeito a: a) A relação entre a palavra e a imagem: Quando utilizamos a linguagem verbal para falar sobre como lemos as imagens, estamos explicitando traços que as caracterizam na sua natureza de imagem. Não se trata de uma luta para saber quem tem maior domínio, se o verbal ou a imagem, mas são relações complementares de sistemas sógnicos diferentes entre si; b) A condição da imagem como representação: Imagens são representações visuais, uma vez que foram criadas e

---

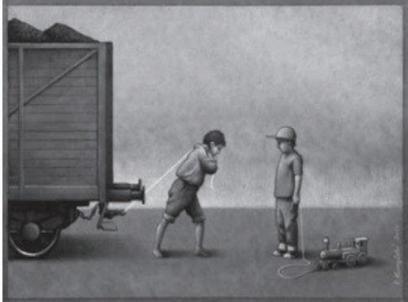
<sup>5</sup> O *New London Group* foi a autodenominação de uma equipe de dez acadêmicos incluindo James Gee e Allan Luke que reunidos, em 1996, preocuparam-se com as necessidades de mudanças na pedagogia de alfabetização devido à globalização, tecnologia e ao crescimento da diversidade cultural e social. O resultado foi uma "Pedagogia dos Multiletramentos" (COPE & KALANTZIS, 1996).

produzidas pelos seres humanos nas sociedades em que vivem. Sendo assim, foram artificialmente criadas e podem ser vistas em si mesmas, como formas puras, abstratas ou coloridas; como figurativas, que se assemelham a algo existente no mundo; e como simbólicas, por meio do acréscimo de camadas de significado ao que se vê; c) A finalidade da imagem: As imagens podem ter por finalidade aguçar e ampliar nossa capacidade perceptiva, nossa sensibilidade visual, capturar nossos desejos, como na publicidade, ilustrar as informações do texto verbal; d) A diferença entre percepção e interpretação dos elementos da imagem: Trata-se de habilidades bem diferentes entre si: Reconhecer os motivos inscritos na imagem não significa compreensão de seu conteúdo, pois interpretar uma imagem é um processo que se acrescenta ao seu reconhecimento, por meio de informações suplementares.

Partindo desses princípios, buscamos olhar para uma questão específica do Enem (2013), da área de Linguagens, códigos e suas tecnologias. Tal questão foi escolhida tendo em vista os objetivos deste trabalho, no que diz respeito à relação de imagem e palavra com o intuito de promover a reflexão acerca da multiplicidade de linguagens e mídias nos textos contemporâneos, atentando também para a multiculturalidade e diversidade cultural presentes na obra em questão.

A obra em destaque na questão do exame foi produzida pelo artista gráfico polonês Pawła Kuczynskiego, membro da Associação dos Artistas poloneses e especializado em crítica e sátira. Sua obra está centrada em temas como a desigualdade racial, a fome, a poluição do ambiente e a falta de liberdade. A obra contemplada na

QUESTÃO 102



KUCZYNSKIEGO, P. Ilustração, 2008.  
Disponível em: <http://capu.pl>. Acesso em: 3 ago. 2012.

O artista gráfico polonês Pawła Kuczynskiego nasceu em 1976 e recebeu diversos prêmios por suas ilustrações. Nessa obra, ao abordar o trabalho infantil, Kuczynskiego usa sua arte para

- A) difundir a origem de marcantes diferenças sociais.
- B) estabelecer uma postura proativa da sociedade.
- C) provocar a reflexão sobre essa realidade.
- D) propor alternativas para solucionar esse problema.
- E) retratar como a questão é enfrentada em vários países do mundo.

LC - 2º dia | Caderno 5 - AMARELO - Página 8

Figura: Questão analisada. Disponível em: <http://download.inep.gov>. Acesso em: 22 dez. 2015.

prova do Enem foi produzida em 2008 e aborda o trabalho infantil em contraponto com o brincar, duas realidades confrontadas por dois indivíduos, retratados na obra como sendo de idades semelhantes.

Ao analisarmos a questão, é possível afirmar que a proposta explora a leitura da imagem e sua interpretação traduzida em língua, fazendo com que o indivíduo estabeleça uma relação complementar entre dois princípios

sígnicos distintos: a linguagem verbal e a imagem. O enunciado da questão solicita que o estudante reflita acerca do propósito daquela obra, as intenções por detrás dos signos ali explícitos, para que, em um segundo momento, possa transformar as impressões obtidas através dessa leitura em linguagem verbal, uma vez que as opções de possíveis respostas são redigidas, como verificamos a seguir:

A questão requer que o indivíduo escolha, entre as opções dadas, aquela que melhor delineie a finalidade da imagem. Para isso, é necessário que o sujeito mobilize sua capacidade perceptiva e sua sensibilidade visual, para que consiga refletir acerca dos signos retratados, para então traduzir suas percepções através da língua, escolhendo a opção correta, dentre as cinco alternativas disponíveis. Tal interpretação deve estar focada nos elementos que a imagem traz, pois as opções dadas são muito abrangentes e por vezes transpassam as barreiras da imagem, adentrando em outras questões que podem ser discutidas, no entanto, não cumprem o que está sendo solicitado pela questão. A resposta correta é a letra c), visto que a função da imagem é provocar a reflexão sobre a realidade do trabalho infantil, mostrando duas crianças de idades semelhantes em contextos tão distintos, contrapondo a infância como brincar e a infância como trabalho árduo, dado que a criança mais humilde está descalça e está puxando um “vagão” carregado. Tais signos mobilizam no leitor determinadas referências que poderão ou não garantir a interpretação esperada no exame.

É possível afirmar, por fim, que a questão proposta no Enem assinala a necessidade de haver um trabalho escolar voltado para a leitura de signos variados em contextos que permitam ao leitor estabelecer relações de sentido específicas capazes de aprimorar suas habilidades e atingir as competências anteriormente elencadas. Afirmamos isso não porque acreditamos que o Enem seja ou deva ser um condutor das ações da escola, mas porque vemos no enfoque apresentado uma concepção atualizada de leitura e compreensão textual numa sociedade que se caracteriza por eventos de linguagem sempre renovados, exigindo a preparação de um leitor capaz de atender aos princípios aqui apresentados.

## REFERÊNCIAS

COPE, B; KALANTZIS, M. (Eds.) *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London/NY: Routledge, 2006[2000/1996].

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Exame Nacional do Ensino Médio: Documento Básico 2002. Brasília: INEP. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/portal/download/265>>. Acesso em: 23 dez. 2015.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Enem. [s/d]. Brasília: INEP. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/enem/sobre-o-enem>>. Acesso em: 23 dez. 2015.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

ROJO, Roxane. Multiletramentos na escola. *Revista Brasileira de Educação*. vol.18, no.55, Rio de Janeiro, out/dez 2013.

\_\_\_\_\_. *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. (a) *Como eu ensino: leitura de imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

\_\_\_\_\_. (b) *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

### Como referenciar este artigo

DIERICH, Marlete Sandra; VANS, Fiana Aparecida; OLIVEIRA, Marina de. Leitura de imagens: uma experiência a partir do exame nacional do ensino médio – ENEM. *revista Linguagem*, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 408-417.

**Submetido em:** 10/09/2016

**Aprovado em:** 19/05/2018